

A CERTEZA DO CONHECIMENTO SENSÍVEL NA PSICOLOGIA DE SANTO TOMÁS DE AQUINO

WILLIAN KALINOWSKI
SÉRGIO RICARDO STREFLING

¹ Universidade Federal de Pelotas - willianka2013@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas - srstrefling@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Todos os homens conhecem certos aspectos da realidade, “sinal disso é o amor pelas sensações”, como escreve Aristóteles no início de sua *Metafísica* (980 a).

Segundo o historiador da filosofia *Guillermo Fraile*, a filosofia realista de Santo Tomás se apoia em dois princípios: 1) *algo existe*; 2) *podemos conhecer esse algo*.

Nesta apresentação gostaríamos de apresentar a tese de que primeiro conhecemos a realidade pelos sentidos, depois pelo intelecto. Desejamos dar um enfoque na importância do conhecimento sensível para a psicologia tomista.

Todo conhecimento, seja do intelecto ou dos sentidos, parte do ente (*ens*): “Aquilo que por primeiro o intelecto concebe como mais evidente, aquilo que o intelecto dirige todas as suas concepções, é o ente.” (*De Veritate*, a. 1, resp).¹

Avançando um pouco mais, Santo Tomás é muito claro ao defender a tese de que todo nosso conhecimento começa pelos sentidos: “Embora o intelecto seja superior ao sentido, recebe contudo deste, de certo modo, os seus dados; e os objetos primeiros e principais fundam-se nos sensíveis.” (*ST*, I, q. 84, art. 8, resp ad 1).

Aqui, de fato, começa nossa argumentação para essa apresentação no Enpos 2023. Primeiramente, conhecemos as qualidades físicas e materiais de uma maçã por meio dos *sentidos externos*, e posteriormente, chegamos a um conhecimento mais complexo das coisas físicas por meio dos *sentidos internos*. Nós não conhecemos nada que não passe antes pelos sentidos. Todo o nosso conhecimento intelectual chega ao intelecto por meio dos sentidos, não se limita a ele, mas, necessariamente, passa pelos sentidos. Há uma famosa frase oriunda do Peripatetismo que é a seguinte: *nada está no intelecto que não tenha passado antes pelos sentidos*. Essa tese é importante, pois afirma que nosso intelecto só pode chegar, por exemplo, à ideia, à definição, à essência de uma maçã, se tivermos antes tocado, sentido e conhecido sensivelmente uma maçã. Além disso, desta premissa podemos tirar outra conclusão: *não nascemos com ideias inatas*.

Há um número exato de potências sensíveis na alma.

“A potência diz-se com relação ao ato.” (*De Ani*, q. 13, resp). Para enumerar ou distinguir o número e espécie de potências que existem na alma, Santo Tomás

¹ Tradução portuguesa completa feita pelo professor Maurício Camello, publicada pela **Editora Ecclesiae**, lançada no ano de 2023.

ensina ser necessário uma atenção especial sobre os atos dessas potências, e também sobre os objetos que diversificam esses atos.

Por isso, o gênero da potência sensitiva, que tem por objeto as *qualidades sensíveis*, se divide em 9 potências ou partes integrais, cada uma com seu ato e objeto próprio. Que são:

a) Sentidos externos: 1) *tato* (que tem por objeto o gênero táctil, o quente, o frio, o úmido, ou áspero, etc), 2) *olfato* (que tem por objeto o odor), 3) *paladar* (o gosto), 4) *audição* (os sons) e 5) *visão* (as cores e a luz). Cabe notar algo aqui: quando cada um dos nossos cinco sentidos externos, a audição, a visão e o paladar, etc, apreende o seu objeto próprio, neste momento, eles não podem errar, não há erro: “Daí que o juízo do sentido próprio sobre os sensíveis próprios é sempre verdadeiro, se não há impedimento no órgão ou no meio.” (*De Veritate*, q. 1, a. 11, resp). Quando meus olhos estão vendo uma cor, quando estou aprendendo uma cor, ou meu olfato sentido um odor, nisso não há e não pode haver erro. E mais, é um conhecimento objetivo para todos aqueles que estiverem vendo, ouvindo ou cheirando no mesmo lugar e hora que eu. Não cabe ao sentido próprio julgar a natureza do som, do odor ou do gosto, é o intelecto que faz isso: “Conhecer as naturezas das qualidades sensíveis não é próprio do sentido, mas do intelecto.” (*ST*, I, q. 78, a. 3, resp). Por isso, para Santo Tomás, aqui, não entra nada da subjetividade humana, muito diferente do que vai defender na modernidade um David Hume e um Immanuel Kant, por exemplo.² Os meus olhos estão realmente vendo uma cor, e ponto, eles são feitos para isso. Quando eu ouço um som, eu não posso me enganar que realmente estou ouvindo um som, e a audição é feita para isso. Se o órgão estiver bem disposto fisiologicamente, não há erro na apreensão dos sensíveis próprios. Nós aprendemos um aspecto certo, permanente e constante do ente, da realidade, embora seja uma realidade material, aprendemos na matéria assinalada, algo que é da *matéria comum*, algo de comum e próprio àquele ente material, uma cor, um som, um odor, etc. No *De Veritate*, na questão 1, artigo 9, Santo Tomás se pergunta se a verdade está nos sentidos, e afirma que sim, embora de modo diferente que no intelecto. Pois os sentidos conhecem a verdade, isto é, se adequam a um aspecto entitativo do ente. No entanto, não possuem consciência de que o conhecem. Sabem que sentem, mas não sabem o que sentem e como sentem. O intelecto, por outro lado, conhece que conhece, conhece o que conhece e conhece como conhece, pois é capaz de fazer “uma volta completa” sobre si mesmo.

b) Sentido internos: *sentido comum* (que tem por ato próprio a unificação das informações recebidas pelos sentidos externos), *imaginação ou fantasia* (que tem por ato próprio a retenção da imagem produzida pelo sentido comum), *cogitativa* (que tem por objeto próprio a comparação da razão com as intenções não sentidas ou insensatas. Além disso, a cogitativa produz um fantasma superior. Se fecharmos os olhos agora e imaginarmos uma maçã, veremos que todas as informações que até hoje nós conhecemos, todas as maçãs que vimos até hoje, elas estão unificadas em uma única maçã. É sobre esse *fantasma superior* que o

² Para esses autores, já a nossa experiência sensível primária é marcada pela subjetividade do sujeito que sente e percebe as imagens sensíveis. Não é o caso de Santo Tomás e Aristóteles.

intelecto agente irá realizar a abstração.³ e *memória* (que tem por ato próprio a conservação das intenções não sentidas ou insensatas).⁴

Quando vemos uma maçã ou um livro, por exemplo, existem algumas propriedades, algumas categorias, que estão tanto na maçã, como no livro, que chamamos de *accidentais*. Categorias accidentais, que são acidentes. O que isso quer dizer? Que não podem existir por si, não subsistem por si mesmas, mas existem em outro. Dentre essas categorias, a categoria da qualidade, sobretudo de terceira espécie, altera diretamente o sentido, e é conhecida por ele, sem erro. Pois é seu sensível próprio.

2. METODOLOGIA

Aqui Como metodologia de pesquisa, aderimos ao estudo destes princípios da psicologia de Santo Tomás, pois eles estão de acordo com nossa pesquisa de tese doutoral. Esse resumo é resultado de nossas pesquisas em obras como *Questiones disputatae de veritate*, aulas ministradas, da leitura de comentadores do Aquinate, e reuniões com o professor orientador. Para uma análise mais profunda dos conceitos aí desenvolvidos, se utilizará tanto as edições críticas em latim. Não somente neste trabalho, mas, em nossa tese iremos investigar estes temas, ainda com mais profundidade e desdobramentos metodológicos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No que tange ao início de nosso conhecimento sensível, para Santo Tomás, não entra nada da subjetividade humana. Muito diferente do que vai defender na modernidade um *David Hume* e um *Immanuel Kant*, por exemplo.⁵ Se o órgão estiver bem disposto fisiologicamente, não há erro na apreensão dos sensíveis próprios. Nós aprendemos um aspecto certo, permanente e constante do ente, da realidade, embora seja uma realidade material, aprendemos na matéria assinalada, algo que é da *matéria comum*, algo de comum e próprio àquele ente material, uma cor, um som, um odor, etc.

4. CONCLUSÕES

Após René Descartes (1650), podemos acompanhar na história da filosofia, um aprisionar do homem na sua consciência e na sua subjetividade. Ora, uma das principais causas desse efeito, é a dúvida que o filósofo Francês aplicou sobre o alcance do conhecimento dos nossos sentidos. Nossa apresentação tem por fim apresentar a doutrina de Tomás de Aquino como uma resposta à dúvida de Descartes, de algum modo. Pois, para o teólogo medieval, mesmo que o intelecto erre ao definir a natureza de uma substância, os sentidos externos, ao apreender o seu objeto próprio, não podem errar se estiverem bem dispostos fisiologicamente e não lhes anteposto nenhum meio que os impeça.

³ Nos animais chamada de *vis estimativa*.

⁴ Além desta memória sensível, o homem possui uma memória espiritual, que não se encontra no cérebro, mas no intelecto possível.

⁵ Para esses autores, já a nossa experiência sensível primária é marcada pela subjetividade do sujeito que sente e percebe as imagens sensíveis. Não é o caso de Santo Tomás e Aristóteles.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHESTERTON, G.K. **Santo Tomás de Aquino**. São Paulo: Ecclesiae, 2013.

GARDEIL, Henri-Dominique. **Iniciação à Filosofia de Santo Tomás de Aquino. Volume I: Introdução, lógica e Cosmologia**. São Paulo: Paulus, 2013.

_____. **Iniciação à Filosofia de Santo Tomás de Aquino. Volume II: Psicologia, Metafísica**. São Paulo: Paulus, 2013.

GARRIGOU-LAGRANGE, Reginaldo. **El sentido común**. Ediciones: Dedebe. Buenos Aires, 1944.

ROUSSELOT, Pierre. **A teoria da inteligência segundo Tomás de Aquino**. São Paulo. Edições Loyola, 1999.

TOMÁS DE AQUINO. **Comentário à metafísica de Aristóteles I-IV - Volume I, II, III**. Tradução de Paulo Faitanin e Bernardo Veiga. Campinas, SP: Vide Editorial, 2016.

_____. **A unidade do intelecto contra os averroístas**. Editora: Paulus, São Paulo: 2016.

_____. **O Ser a Essência**. Tradução e notas explicativas de Pe. Aldo Sérgio Lorenzoni. Pelotas: EDUCAT, 2016.

_____. **Questões disputadas sobre a verdade**. Campinas: Ecclesiae, 2023.

_____. **Suma Teológica**. Campinas, 2016.